

GT52: Memória e reconstrução de mundos: práticas etnográficas frente às situações limite

Felipe Magaldi, Carolina Castellitti

Desde a obra de autores como Michael Pollak, a relação entre as situações limite e as dinâmicas da memória, do esquecimento e do silêncio se tornou incontornável. Atualmente, as ciências sociais e a filosofia têm conferido crescente atenção às rupturas do cotidiano por meio de diversas nomenclaturas conceituais - eventos críticos, crises, catástrofes, traumas, desastres patrimoniais e ambientais - em que a memória aparece frequentemente ao lado das demandas por verdade, justiça e/ou reparação histórica. O colonialismo, o autoritarismo, as ditaduras militares, a violência de Estado e o neoliberalismo surgem frequentemente como cenários privilegiados dessas reflexões. Na presente conjuntura sanitária, a pandemia de covid-19 é narrada como um "trauma coletivo" que deixará um legado marcante para a humanidade, de sofrimento, luto, mas também de luta - duas dimensões inseparáveis. A partir de situações etnográficas diversas, este GT propõe um diálogo sobre as modalidades de construção de memória frente a trajetórias e mundos estilhaçados pela violência e pela exploração e precarização capitalistas. Trata-se aqui de compreender como se dá a redefinição das identidades sociais quando a ordem naturalizada do mundo habitual é quebrada - e a quebra incorporada no ordinário. Como matéria prima dessa reflexão, pode-se elencar distintas modalidades de enunciação dos acontecimentos, envolvendo testemunhos orais ou escritos, imagens, objetos, inscrições corporais e expressões artísticas.

Antes Era A Veroca: Memórias Sobre Um Processo De Transformação Da Paisagem

Autoria:

Onde antes era situada uma das praias de mais fácil acesso à população da cidade de Santarém, a Praia da Vera Paz, popularmente chamada de "Veroca", lugar de lazer, pesca e campeonatos de futebol, agora é conhecido como "Bosque da Vera Paz". O local foi alvo de grande disputa territorial quando este patrimônio de inestimável valor sociocultural se viu impactado pela instalação do Terminal Fluvial de Granéis Sólidos, da multinacional Cargill. Hoje o que vemos no local é um complexo de estruturas portuárias e de armazenamento situados à margem do Rio Tapajós. Nesse processo, famílias ribeirinhas foram retiradas de suas moradas à beira do rio, onde plantavam e pescavam seus alimentos e empurradas para a periferia, enquanto a paisagem que temos hoje do lugar se construía. Nos anos 90, na praia, se via banhistas, areia branca, muitas árvores frutíferas e barracas de venda das mais diversas. Aos fins de semanas, era palco de campeonatos das famosas peladas de futebol. Ao longo dos anos, a areia mudou de cor, Santarém passou por um processo de crescimento, a área em torno da praia foi aterrada para dar lugar à construção de bairros, ruas e casas, o campo sumiu. Devido às nuvens de fuligem de soja e do milho, já não se enxerga ou respira como antes. Nesse período, de cerca de duas décadas, os fluxos e as linhas de vida que ali habitam foram reorganizadas e constituíram novas tramas e relações. Neste trabalho, busco seguir as reflexões e fazer uso das ferramentas conceituais, principalmente acerca da ideia de paisagem, de Tsing (2019) no que tange ao entendimento que as paisagens constroem suas histórias por meio de perturbações. Na sua perspectiva, seguir essas histórias de perturbação seria uma maneira de fazer da paisagem um protagonista dinâmico da vida social e uma prática de coordenações multiespécies. Dessa maneira, pretendo trazer o conceito de "paisagem em perturbação" para esse diálogo e refletir sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas no Bosque da Vera Paz a partir dele. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal reconstituir parte desse processo, e dos impactos trazidos pela instalação da Cargill, por meio das memórias e dos relatos de vida dos moradores do bairro do Laginho. Partindo desses relatos, busco

perceber como tais acontecimentos impactaram não somente as populações humanas do bairro, mas também as demais formas de vida que ali habitam e suas múltiplas relações.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

